

# O Encontro entre um Especialista do Imaginário, o Filósofo do Diálogo e o Filósofo da Conciliação: proposições epistemológicas para as Ciências Humanas e Sociais

*Livia Sousa da Silva\**

## Resumo

Este estudo tem por objetivo propor uma síntese integradora dos construtos epistemológicos do *processo de significação bakhtiniano*, o *ciclo mimético ricœuriano* e a *mitocrítica durandiana*. A partir de uma pesquisa de cunho bibliográfico, de obras desses autores. De maneira que se acredita ter substanciado uma proposta teórico-metodológica viável e didaticamente exequível, ao tomar a linguagem como único meio de expressar a realidade, nunca imediata, mas sempre mediada pela consciência das pessoas e expressa na e pela linguagem. Acredita-se que os diálogos entre essas proposições teórico-metodológicas constituam uma alternativa significativa à abordagem dos objetos próprios das Ciências Sociais e Humanas, por suas

---

\* <https://orcid.org/0000-0002-1652-1041> . Universidade Federal do Pará. Doutora em Ciências Sociais Sociologia, pela Universidade Federal do Pará (UFPA) com Pós-Doc. em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UFPA); Mestre em Educação (Currículo e Formação de Professores), pela Universidade Federal do Pará (UFPA); Especialista em Psicopedagogia Educacional com ênfase em psicopedagogia preventiva, pela Universidade do Estado do Pará (UEPA); Licenciada plena em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Coordenadora do Laboratório de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares sobre História da Educação e Formação de Professores - LABINVE. Atualmente, Professora Adjunta I no Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará - UFPA, Faculdade de Educação. Vice-diretora da Faculdade de Educação da Ufpa/Belém (12/21 a 08/22). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Básica - PPEB (UFPA) - Linha de Pesquisa História da Educação Básica. liviasilva@ufpa.br .

importantes contribuições à abordagem da linguagem para a compreensão do real.

**Palavras-chave:** Linguagem; Epistemologia; Pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais.

## The Meeting between an Imaginary Specialist, the Philosopher of Dialogue, and the Philosopher of Conciliation: epistemological propositions for the Human and Social Sciences

### Abstract

This study aims to propose an integrative synthesis of the epistemological constructs of the Bakhtinian process of signification, the Ricoeurian mimetic cycle and the Durandian myth-criticism. Based on bibliographic research of works by these authors. In such a way that it is believed to have substantiated a viable and didactically feasible theoretical-methodological proposal, by taking language as the only means of expressing reality, never immediate, but always mediated by people's consciousness and expressed in and through language. It is believed that the dialogue between these theoretical-methodological propositions constitutes a significant alternative to the approach of the objects proper to the Social and Human Sciences, due to their important contributions to the approach of language for the understanding of the real.

**Keywords:** Language; Epistemology; Research in the Humanities and Social Sciences.

## El Encuentro entre un Especialista Imaginario, el Filósofo del Diálogo y el Filósofo de la Conciliación: proposiciones epistemológicas para las Ciencias Humanas y Sociales

### Resumen

Este estudio tiene como objetivo proponer una síntesis integradora de los constructos epistemológicos del proceso de significación bakhtiniano, el ciclo mimético ricoeuriano y la mitocrítica durandiana. Basado en una búsqueda bibliográfica de obras de estos autores. De tal manera que se cree fundamentar una propuesta teórico-metodológica viable y didáctica.

amente factible, al tomar el lenguaje como único medio de expresión de la realidad, nunca inmediata, sino siempre mediada por la conciencia de las personas y expresada en y a través del lenguaje. Se cree que el diálogo entre estas proposiciones teórico-metodológicas constituye una alternativa significativa al abordaje de los objetos propios de las Ciencias Sociales y Humanas, por sus importantes aportes al abordaje del lenguaje para la comprensión de lo real.

**Palabras clave:** Idioma; Epistemología; Investigación en Humanidades y Ciencias Sociales.

## Introdução

Não pareceu possível que uma única teoria fosse capaz de abordar objetos e contextos de natureza complexa, tal qual o são no âmbito das expressões sociais e humanas. Daí que se acredita no diálogo entre os autores – Durand, Bakhtin e Ricoeur – considerando seus construtos epistemológicos, sobre o que os aproxima, o que um complementa, potencializa e ou explicita melhor no outro, e no que se distanciam, pelo que se espera delinear uma proposição epistemológica para o campo das Ciências Sociais e Humanas, pautada no fenômeno da linguagem como lugar possível de compreensão da experiência social e humana.

Bakhtin, Ricoeur e Durand nunca estiveram em diálogo quando em vida, e nem mesmo fazem parte de uma mesma seara de produção acadêmica, de modo que trazê-los para a reflexão sobre os objetos das Ciências Sociais e Humanas é um desafio interdisciplinar que se interpõe, enquanto possibilidade de um construto teórico-metodológico alargado de possibilidades para análises e compreensões dos objetos intrínsecos ao campo de estudos e pesquisas das Ciências Sociais e Humanas. Dessa forma problematiza-se: *quais contribuições uma síntese integradora dessas proposições epistemológicas pode vir a trazer aos estudos e pesquisas desenvolvidas pelo campo das Ciências Sociais e Humanas?*

Segundo Chizzotti (2003:221) existe uma evolução histórica e muitos desafios para a pesquisa em Ciências Humanas e Sociais, sobretudo, no que diz respeito às pesquisas de base qualitativa, em virtude de “multiparadigmas de análise e multimétodos de investi-

gação”, os quais derivam de diferentes correntes epistemológicas, quais sejam: corrente positivista, fenomenológica, hermenêutica, marxista, crítica e construtivista. Contudo, todos esses caminhos interpretativos buscam, a seu modo, compreender os fenômenos sociais e humanos em seu contexto de acontecimentos, e os significados e sentidos que lhe são atribuídos.

O presente estudo esforça-se em propor um paradigma de análise, no âmbito epistemológico de uma hermenêutica integradora. A partir de um estudo teórico, de natureza bibliográfica, que se propõe pela análise integradora do percurso de significação bakhtiniano, do ciclo mimético ricoeuriano, e da mitocrítica Durandiana, com base na leitura e apreciação das obras: *Marxismo e Filosofia da Linguagem*<sup>1</sup> (2014) de Bakhtin, além de outras obras de seus intérpretes como Brait (2008;2010); *Tempo e Narrativa – Tomo I* (1994) e *Metáfora Viva* (2000), que são obras de Paul Ricoeur e que se complementam; além de *A Imaginação Simbólica* (1993), *As estruturas antropológicas do imaginário* (1997), *O Imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem* (2010), e *Sobre a exploração do imaginário, seu vocabulário, métodos e aplicações transdisciplinares: mito, mitanálise e mitocrítica* (1985) de Gilbert Durand.

Dito isto, apresenta-se inicialmente esses três autores e os aspectos nucleares de seu pensamento, para apontar os fios condutores desse diálogo, e aos poucos ir apontando-os em suas contribuições para estudos que considerem as questões sociais e humanas, a partir dos pontos de congruência e de afastamentos nessas três abordagens para demarcar sobretudo, o encontro entre o plano da linguagem e a sociedade, para finalmente propor uma síntese integradora desses três autores a qual se acredita subsidiar não só uma epistemologia mais apropriada ao manuseio de dados documentais e de campo, como também reveladora de nossa própria identidade científica frente aos estudos do campo das Ciências Sociais e Humanas.

---

<sup>1</sup> *Marxismo e Filosofia da Linguagem* é uma obra entre as que são consideradas “textos disputados” já que aparece sob a alcunha de V.N. Volochinov. O reconhecimento da autoria de Bakhtin, se dá somente na década de 1970 (CLARCK & HOLQUIST 2008).

## Pilares da constituição epistemológica entre Bakhtin, Ricoeur e Durand: linguagem, diálogo e alteridade

Ao convidar dois filósofos – Bakhtin e Ricoeur – para conversar com um Sociólogo – Durand, adentra-se em um terreno interdisciplinar. Afinal, tais objetos de estudo no âmbito das Ciências Sociais e Humanas veem-se exigentes de respostas à altura de sua complexidade. A partir disto, observa-se que, a arena de conversação sobre a qual se assenta o diálogo entre esses três autores, está firmemente calcada no fato de que eles estivessem imbuídos de uma preocupação comum, qual seja, a participação da linguagem na constituição humana e, por conseguinte, da sociedade que se projeta a partir disto. Isto, em favor da superação de uma visão parcelar e hierarquizada das faculdades humanas, que sobrepujaram toda a imaginação, sonho, sentimentos, afetividade; que até então se via sob uma racionalidade impossível – objetificada, neutra e positivamente científica, segundo Durand (2010).

Percebe-se dois principais pontos de interseção, que se configuram como os dois pilares da constituição epistemológica advinda desse diálogo. O primeiro pilar epistemológico é a *Linguagem*, de onde esses autores consideram ser possível que acessemos o material constituinte de toda produção humana. O segundo pilar é a concepção de *alteridade* como princípio *sine qua non* de toda desenvoltura de proposição do Ser no mundo e na construção da realidade, que se faz mediada e expressa na e pela linguagem, o que chamaremos de uma episteme hermenêutico integradora reveladora de sistemas imaginários. Pilares esses que se desenvolvem melhor a seguir.

A compreensão da linguagem enquanto elemento básico capaz de entender o ser humano e as relações que este estabelece na construção da realidade, justamente por estar além de um instrumental voltado apenas para a transmissão da informação, é a pedra fundamental das confluências no diálogo entre esses três autores.

Acreditamos que, embora Bakhtin e Ricoeur não tenham deflagrado um estudo sobre o Imaginário, eles contribuam aqui

em muito para a compreensão da constituição imaginária como faculdade humana, que não só constrói a realidade a partir da linguagem, mas que também constitui o próprio Ser; e porque ambos abordam a relação entre a experiência imediata e sua representação em linguagem no mundo humano, com extrapolação ou transbordamento de sentido.

Nosso estudo consubstancia-se eminentemente, sob uma síntese que se pretende ser integradora, entre a *ontologia do existente*, do que nos é dado, e os *processos de apreensão e postulação do mundo* – ao qual nós estamos aceitando como perpassados pela criação imaginária. Basicamente como apreendemos o mundo e o representamos por meio da linguagem.

## O que é a realidade e a linguagem como meio possível de representá-la

Bakhtin (2014) traz a ideia de *realidade* sob uma materialidade constituída, que se consubstancia pela mediação da consciência do agente e sua apreensão social e histórica desse mundo, ou seja, uma materialidade sempre mediatizada e nunca estritamente física. É na relação com essa realidade vivida, sempre concreta que se forma a consciência – é a existência que forma a consciência.

Bakhtin aborda essa questão a partir da relação ato/atividade. Para Bakhtin, ato/atividade é considerado o agir humano, ou seja, ações físicas praticadas por sujeitos humanos, que é sempre uma ação situada, e sobre a qual sempre se atribui um sentido, no momento mesmo em que é realizada. Assim, Bakhtin nos traz a percepção do “dado” (físico) e como ele se manifesta como realidade porque está sempre sendo “postulado” (sentido proposto pelo sujeito para a ação), o que implica no “criado” – que dá conta do que ele considera a própria atividade estética segundo Brait (2008).

Para Bakhtin o “dado” – ação física – só existe em sua relação com a intervenção humana de sempre postular o mundo, e assim “criar” a realidade, a partir de uma atividade “estética”. Assim, a pessoa e ou o Ser, é o mediador nesse processo de transformação

constitutiva – do físico ao mundo criado – sua consciência é o meio que refrata o mundo físico, em mundo vivido, o que configura não só a intencionalidade na ocorrência desses atos, como a impossibilidade de neutralidade.

Isto remete a um sujeito/agente em realização, responsável e responsivo. Porque sempre consciente de suas ações no mundo, e porque toda vez que age no mundo está respondendo a alguém ou a alguma coisa. Disto implica, para Bakhtin, um compromisso ético do agente, que deve buscar responder responsabilmente às suas ações (BRAIT, 2008).

Ricoeur (1994;2000) encontra-se nessa mesma esteira, já que concebe a construção da realidade também a partir da linguagem, sob operações de pré-figuração, configuração e refiguração da realidade através das narrativas. Ricoeur (2000), situa sua hermenêutica como resultado de um itinerário de abordagem da linguagem, que buscou superar a análise no nível da palavra (retórica clássica), e da frase (semiótica e semântica), para situá-la ao nível do discurso (Hermenêutica). Análogo a Bakhtin, Ricoeur prevê o discurso como lócus privilegiado para a compreensão do agir humano.

Ricoeur (1994) nos traz a hermenêutica no plano do estudo dos enunciados metafóricos<sup>2</sup>, àqueles que redescrevem a realidade (conexão entre o sentido – organização interna – referência: poder de referir-se a uma realidade fora da linguagem). Aqui há outra confluência entre os autores, a da contingência de um *sentido* e uma *referência*; ao que Bakhtin (2014) trata como *tema* e *significado*, palavras diferentes para expressar pensamentos confluentes, de que existem significantes ou signos que denominam coisas, mais ou menos comuns, reiteráveis a todas as pessoas (tema/referência), para os quais atribuímos senti-

---

<sup>2</sup> A metáfora em Ricoeur (2000) não se confunde com a Metáfora enquanto figura de linguagem em si, que nesse interim diz respeito a “[...] um termo, ou ‘expressão’, que está sendo usado em lugar de outro mais direto, mais objetivo e, portanto, mais real ou verdadeiro” (VEREZA, 2010). Em Ricoeur (2000) metáfora diz respeito a propriedades da narrativa de inovação semântica, quer dizer, “uma ‘proximidade’ inédita entre duas ideias é percebida apesar de sua distância lógica” (RICOEUR, 2000:12).

dos específicos conforme os contextos narrativos, conforme contamos a realidade na e pela história (sentido/significado).

Durand (1993) aponta o mesmo princípio abordado pelos dois primeiros autores, da realidade como produto de representações humanas. Durand (1993:8) instrui que “o símbolo se define como pertencente à categoria do signo”, mas, de uma espécie particular de signos, que se traduz como a própria *Imaginação Simbólica*, porque nesse caso “o significado não é de modo algum apresentável e o signo só pode referir-se a um sentido e não a uma coisa sensível” (DURAND, 1993:10).

A imagem simbólica, para Durand (1993:11) “é transfiguração de uma representação concreta através de um sentido para sempre abstrato”. Inclusive, é justamente, esse o traço fundamental desse diálogo epistemológico, o de situar *sentido* (BAKHTIN, 2014), *inovação semântica* (RICOEUR, 1994;2000) e *imaginação simbólica* (DURAND, 1993), que lança esses três autores num mesmo espaço de compreensão, e para muito além de uma simples abordagem semiótica da linguagem, em direção ao sobressalto da hermenêutica de construções imaginárias.

A ideia bakhtiniana do entrelaçamento da linguagem com a própria constituição humana, a partir da vivência concreta, dialoga diretamente com o conceito de “*trajeto antropológico*” ou “*trajeto do sentido*” alcunhado por Durand (2010), que trata da [...] “incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social” (DURAND, 1997:41).

Pode-se dizer que, o conceito de “*trajeto antropológico*” realça ainda mais, a implicação do agente na constituição da realidade e sua reelaboração, porque considera a constituição humana na e pela linguagem, em toda a sua complexidade de sujeito biopsíquico e social, e no decorrer de toda a sua formação. Em Durand a imaginação simbólica se estabelece enquanto faculdade inerente ao ser humano – *homo symbolicus*. Seria para Durand a imaginação simbólica que traduz a realidade material pelo signo em signo simbólico (Durand 1993).



Há de forma análoga, em Bakhtin (2014), a proposição da enunciação concreta, quer dizer, da palavra que sempre se constitui enquanto “*signo ideológico*”, justamente porque a teoria bakhtiniana entende ideologia como “todo o conjunto dos reflexos e das interpretações da realidade social [...] que se expressa por meio da palavra” (VOLOSHINOV *apud* BRAIT, 2008:169). Não se trata de ideologia como falsa consciência ou simplesmente como expressão de uma ideia, mas como a expressão de uma tomada de posição social determinada; a representação do mundo expressa por palavras na inter-relação de sujeitos – emissor e receptor.

Durand (2010) não fala de sistemas ideológicos, ele fala de como o “*trajeto antropológico*” contribui para a construção de “sistemas imaginários”. Bem nesse interim, Imaginário e Ideologia assumem-se como análogos de uma mesma operação humana descrita, qual seja: criar realidades. Durand (2010) considera os sistemas simbólicos de maneira interligada, porque decorreriam de uma visão de mundo específica – imaginária – “conjunto de imagens e de relações de imagens que constitui o capital pensado do homo ‘sapiens’” (PITTA, 1995:2).

Da mesma maneira que para Durand (2010) os sistemas simbólicos decorrem de uma “visão de mundo específica”, ou seja, imaginária; Bakhtin (2014) vem falar de um *universo sógnico*, constituído em sociedade, por relações dialógicas “que representam a realidade a partir de um lugar valorativo” (BRAIT, 2008:170).

Bakhtin (2014) diz que o signo é sempre ideológico porque expressa muito mais que um sistema linguístico, e sim a apropriação da linguagem para que o indivíduo se constitua como tal e demarque seu posicionamento no mundo. Durand (2010) a seu turno, demonstra que essa visão de mundo é sempre imaginária, porque é da natureza humana simbolizar e aferir sentidos para além da racionalidade técnica, constituindo sistemas de imagens simbólicas que se conformam não aleatoriamente, mas sob repetições redundantes, cuja coerência é dada pela própria disposição de conformação em um sistema.

Da mesma forma, Para Ricoeur (1994) o que configura a realidade seriam as operações mediadoras entre experiência viva e discurso, operações de uso da linguagem, que possuem a capacidade de referenciar para além do discurso descritivo, relacionando-se com o mundo por meio de uma regime referencial próprio, qual seja, o da referência metafórica, “um poder mais radical de referência a aspectos de nosso ser-no-mundo que que não podem ser ditas de maneira direta”, segundo Ricoeur (RICOEUR, 1994, p.122).

O que Bakhtin (2014) trata como “signo ideológico” assume a mesma carga de sentido, na base de uma compreensão hermenêutica do texto, do “enunciado metafórico” de Ricoeur (2000), que não deve ser confundido metodologicamente, com uma dissecação do texto atrás de “metáforas” – figura de linguagem – e sim enquanto *inovação semântica*: “uma ‘proximidade’ inédita entre duas ideias é percebida apesar de sua ‘distância’ lógica” (RICOEUR, 2000, p.12). O enunciado metafórico redescreve a realidade (conexão entre o sentido – organização interna – referência (poder de referir-se a uma realidade fora da linguagem).

Assim, o papel da Hermenêutica para Ricoeur seria o reconhecimento da função de refiguração de uma obra, o de uma “hermenêutica que visa menos restituir a intenção do autor por trás do texto que explicitar o movimento pelo qual o um texto exhibe o mundo, de algum modo, perante si mesmo” (RICOEUR 1994:123). Ricoeur assim sustenta que, “[...] o que é interpretado num texto é a proposta de um mundo que eu poderia habitar e no qual poderia projetar meus poderes mais próprios [...] o fazer narrativo ressignifica o mundo” (RICOEUR, 1994, p. 123;124).

Dessa forma, mesmo que Bakhtin e Ricoeur não tenham se debruçado sobre questões imaginárias, eles convergem aqui para a compreensão da constituição imaginária como faculdade humana, já que ambos abordam a relação entre a experiência imediata e a consciência e a linguagem como operações mediadoras para a representação do mundo humano. Assim, a construção durandiana acerca do imaginário social, não deixa de estar em consonância com

os outros dois autores (Bakhtin e Ricoeur). Vamos perceber que tal asserção entrará em confluência com as perspectivas bakhtinianas (FIORIN, 2010), e Ricoeurianas (1994).

Para Durand (2010) “os conteúdos imaginários de uma sociedade nascem durante um percurso temporal e um fluxo confuso, porém importante, para finalmente se racionalizarem numa ‘teatralização’” (DURAND, 2010, p.98). Assim ele aborda um Imaginário atualizado e um Imaginário latente, um mito manifesto, “que deixa passar o conjunto de valores e ideologias oficiais” e outro latente, “marginalizado, que entra na clandestinidade da latência e mal consegue classificar-se sob a denominação de um mito preciso” (DURAND, 2010, p.99).

Já Bakhtin (2014), vem abordar o estudo da “*psicologia do corpo social*” que diz respeito a uma “atmosfera social” de onde derivam tanto a forma como os temas dos atos de fala. Atmosfera essa, consubstanciada pela interação verbal e ou pelas “*esferas de influência recíproca*” que só podem manifestar-se no e pelo diálogo. Pelo que Bakhtin (2014) instaura-nos numa *epistême* de acesso a construções imaginárias, e ou à compreensão desse corpo social, dessa atmosfera social, como somente possível pelo estudo do material verbal, dos atos de fala, pela enunciação concreta.

Aonde Durand (2010) ressalta os Imaginários atualizados e latentes, Bakhtin (2014), analogamente, trata que “no seio dessa psicologia do corpo social materializada na palavra acumulam-se mudanças e deslocamentos quase imperceptíveis que, mais tarde, encontram sua expressão nas produções ideológicas acabadas” (BAKHTIN, 2014, p.43).

E, Ricoeur (1994; 2000), a seu turno, propõe considerar-se que, há narrativas potenciais latentes, tais quais “migalhas de vida”, esperando para tornarem-se uma “história mais inteligível” (RICOEUR, 1994, p.115).

Chama a atenção ainda, que Durand (2010) trate os conteúdos imaginários racionalizando-se em teatralização. Posto que, Ricoeur (1994), trata das *mimeses*, como imitação criadora, ou seja,

operações mediadoras intrínsecas à constituição humana que produz a realidade a partir da disposição dos fatos e tessitura da intriga. Ricoeur (1994) acredita que a realidade se configura e refigura-se, ou seja, apresenta-se transformada em sentido pelo sujeito.

Não se trata, contudo, de uma “teatralização” nem em Durand (2010) nem em Ricoeur (1994) como falseamento e ou distorção deliberada dos fatos, mas sempre como uma faculdade humana de agenciamento dos fatos, já que nunca os acessamos imediatamente.

Da mesma forma encaram o sujeito como agente. Há ênfase maior em Bakhtin (BRAIT, 2008; BAKHTIN, 2014) no sujeito histórico, concreto, situado, que se conscientiza do mundo na sua relação com o próprio mundo e a partir deste, porque vem fortemente influenciado pelo materialismo histórico-dialético, embora não o siga estritamente. Mas, em Ricoeur (1994) também se vê o agir, a ação com proeminência para a compreensão das operações de mediação entre mundo sensível e vivido, uma vez que para ele – Ricoeur – a ação “[...] circunscreve a intervenção de agentes históricos no curso dos eventos físicos [...] e que o [...] agir é sempre agir ‘com outros’: a interação pode assumir a forma de cooperação, da competição ou da luta” (RICOEUR, 1994, p.89).

“[...] O movimento pelo qual um texto exhibe o mundo” (RICOEUR, 1994, p.123) é o mesmo propósito previsto em Bakhtin e seu círculo. “E um poder mais radical de referência” (RICOEUR, 1994, p.122) está marcadamente aliançado aos pressupostos simbólicos em Durand (1993). Por isso, acredita-se que o diálogo desses três teóricos possa enriquecer a compreensão sobre discurso e narrativa, sobretudo, porque ambos concordam, usando termos diferentes, que o manuseio da linguagem leva a construção de sentidos para além do que as palavras usualmente querem manifestar. Contribuindo sobremaneira para análises no campo dos estudos das Ciências Sociais e Humanas, uma vez que se possa considerar a compreensão da realidade por meio dos discursos e narrativas, e enquanto sistemas imaginários.

## Entre discursos e narrativas, a linguagem pressupõe diálogo e alteridade

O discurso para Ricoeur (1994) implica mais que dizer algo a alguém, mas que nesse dizer partilhe-se uma experiência. O discurso então, assume-se como uma experiência de partilha, uma relação de alteridade, cujo mundo interno está sempre em relação com o externo.

Nesse aspecto, Ricoeur (1994) encarna toda a dialogicidade bakhtiniana. Já que para Bakhtin, diálogo constitui-se enquanto uma “construção híbrida, (in) acabada, por vozes em concorrência e sentidos em conflito” (DAHLET, 2005, p.56). Assim como da compreensão de que o sujeito modifica seu discurso em função das intervenções de outros discursos.

Muito embora Ricoeur (2000) detenha-se no diálogo como interação face-a-face e Bakhtin o transponha enquanto dialogicidade, para toda relação entre seres mediada pelo texto/discurso. Assim, o dialogismo Bakhtiniano viria em decorrência da relação entre discursos. Também é importante que se destaque que para Bakhtin é um equívoco considerar-se dois tipos de dialogismo: um entre interlocutores e outro entre discursos, pois segundo a teoria bakhtiniana “o dialogismo é sempre entre discursos e o interlocutor só existe enquanto discurso” (FIORIN, 2010, p.166).

Considera-se nesse interim que, Ricoeur (1994) não só amplia a ideia de discurso quando o traz como “discurso narrativo” (RICOEUR, 1994, p.12), como também, inaugura uma distinção adequadamente didática, ao situar o *discurso narrativo* com uma intriga, e *discursos difusos* sem uma intriga mais elaborada que o caracterize como uma narrativa acabada. Propondo-nos considerar que há discursos como “narrativas potenciais” e ou latentes, que seriam as histórias ainda não narradas, histórias reprimidas e ou difusas nas situações cotidianas que tendem a elevar-se mais ou menos ao plano das narrativas efetivas.

Bakhtin (2014) sempre reconheceu seu inacabamento, e aqui não se vê motivo que o desabone a genialidade, ao dizer que Ricoeur (1994; 2000) o amplia e explica com uma abertura para novas possi-

bilidade de compreensão textual a partir do conceito de narrativa, o que não encerra Bakhtin numa teoria ultrapassada, mas ao contrário potencializa os estudos bakhtinianos, e seu materialismo histórico-dialético, num caminho inteiramente hermenêutico. Há discursos difusos como, por exemplo, as falas advindas de uma entrevista, e discursos narrativos ou a narrativa efetiva, que se exemplifica por outras fontes de pesquisa como as bibliográficas e ou documentais.

Durand (1997), em consonância com os outros dois autores (Bakhtin e Ricoeur), considera a possibilidade efetiva de uma análise crítica do discurso, sobrelevando sua compreensão no nível de sua elaboração mítica, ou seja, considerando a “propriedade de redundância aperfeiçoante” do símbolo e suas constelações (DURAND, 1993, p.13), dessa propriedade de “repetir-se incansavelmente”, para constituir-se em imaginários. Dessa forma, concorda com Bakhtin e Ricoeur, tanto no que diz respeito à possibilidade de compreender o sujeito, como o social, por meio de seus discursos e ou linguagem em uso; como também pela natureza dialógica dessa operação que se vê durante toda a formação do indivíduo consubstanciada pelas trocas e partilhas com outros sujeitos em sociedade.

Seria o próprio conceito de *percurso antropológico* alcunhado por Durand (1997, p.41), como “a incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social”, o que encaminha a uma prevalência da alteridade na constituição dos sujeitos, já que os considera na radicalidade de sua complexidade, eminentemente também como sociais. Disto implica a impossibilidade de homens e mulheres se fazerem somente pela individualidade, mas essencialmente na e pela intersubjetividade.

Alinhavar o dialogismo bakhtiniano ao *trajeto antropológico* durandiano é sobrelevar num nível dialético a relação entre constituição do sujeito e realidade social. Posto que, *trajeto antropológico* (DURAND, 2010) e *Esferas de influência recíproca* (BAKHTIN, 2014) são conceitos complementares na compreensão de como sistemas imaginários ou universos sógnicos se constituem no bojo da sociedade.

Assim, o dialogismo e relação de alteridade que demarca o pensamento bakhtiniano também está deflagrado nos outros dois venerandos autores, pois assim como Bakhtin entende que “[...] através da palavra defino-me em relação ao outro” (BAKHTIN, 2014, p.115); Ricoeur nesse mesmo sentido aponta a alteridade na e pela linguagem como o acontecimento completo, não somente pelo uso da palavra para comunicar-se com um interlocutor, mas, sobretudo, pelo uso da linguagem como um artifício de partilha com o Outro, o que permite a ambos experimentar experiências e conhecimentos inteiramente novos (RICOEUR, 1994).

## Hermenêutica integradora: uma proposição teórico-metodológica para as ciências sociais e humanas

Apresenta-se aqui três modelos analíticos os quais acredita-se funcionar epistemologicamente de maneira integrada, de modo a consubstanciar qualitativamente análises em Ciências Sociais e Humanas que se ocupem da compreensão da constituição do sujeito e sua relação com a realidade a partir do ato da linguagem. Percebe-se que, a síntese integradora dos construtos hermeneutas desses teóricos funcionam de maneira a melhor apreender a natureza complexa da experiência humana e as operações de representação do mundo que utilizamos.

Dessa forma, propõe-se uma apreciação e compreensão de textos, por sua dialogicidade, dialeticidade e diacronia. Considerando assim, o processo de significação bakhtiniano<sup>3</sup>, o ciclo mimético ricoeuriano e a Mitocrítica durandiana.

A partir de uma síntese integradora desses três autores está-se mais próximos da ideia de que, nossa faculdade imaginária esteja eminentemente relacionada a uma transfiguração da realidade dada, constituindo um sistema de referência em virtude dos novos sentidos atribuídos, de sua inovação semântica, sentidos que são simbólicos, porque só se explicam por si mesmos, e no contexto de

---

<sup>3</sup> Ver Silva e Alves (2013).

operações mediadoras que fazem emergir por meio da linguagem e suas manifestações discursivo/narrativas uma atividade mimética – representações próprias do dialogismo. Que nos são acessíveis por meio dos textos e das imagens que destes submergem. (BAKHTIN, 2014; DURAND, 1993; 2010; RICOEUR, 1994; 2000).

Espera-se com Bakhtin, Ricoeur e Durand desenvolver uma hermenêutica o mais convergente possível, que expresse a totalidade humana e seu entrelaçar com o dinamismo não só equilibrante, mas constituinte de humanidade, característica inalienável do Imaginário. Pelo que só nos mostra ser possível acedendo aos atos de fala, à linguagem em uso – enunciação concreta, às narrativas, em suma, pela dialogicidade. Somente pelo diálogo, acreditamos poder sobrelevar os sistemas de ressignificação, reconfiguração e inovação semântica, da realidade.

Como já falado anteriormente, a teoria bakhtiniana situa-se no âmbito de uma filosofia da linguagem, que pressupõe a dialogicidade na constituição de sujeitos éticos e responsáveis no e pelo mundo. No sentido estrito de uma proposição teórico-metodológica de apreensão dos sentidos produzidos em sociedade, para manifestar posicionamentos valorativos, Bakhtin nos apresenta três categorias analíticas as quais compõe o percurso de significação – tema, significado e acento de valor (BAKHTIN, 2014).

Para Ricoeur (1994; 2000) uma hermenêutica do texto consistiria basicamente em análise da estrutura semântica da ação, seus recursos de simbolização e seu caráter temporal. Pelo que não se poderia incorrer sem a compreensão do “círculo hermenêutico da narratividade” (consonância narrativa apesar da dissonância temporal). Entendamos melhor o círculo hermenêutico da narrativa, pela acepção da operação de tríplice mimese.

O círculo mimético revela para Ricoeur (1994) o processo de formação da esquematização da imaginação criadora, que se institui, entre outras coisas, por uma dialética fundamental da concordância discordante, ou seja, que toda narrativa forja uma concordância temporal, uma aparente sincronia, que não está ligada à



experiência temporal imediata.

Por isso, Ricoeur (1994) adverte de antemão, para que não cedamos a uma “violência da interpretação” ao não considerar a dialética entre consonância narrativa e discordância temporal – a concordância que é imposta à força a discordância da nossa experiência no tempo. Parte-se daqui para tratar do círculo mimético.

As mimeses permitem à narrativa o seu poder de refiguração da realidade imediata. Entre o ponto de partida do texto e seu ponto de chegada – a leitura e ou a recepção pelo leitor. Mimese I, configurar-se-ia então por uma pré-compreensão da ação, uma familiaridade com a trama conceitual “uma compreensão prática que os autores partilham com o seu auditório” (RICOEUR, 1994:94), uma pré-compreensão comum ao escritor e ao leitor.

Uma compreensão narrativa, em nível de mimese I, pressupõe identificar “agentes” e seus caracteres éticos – os caracteres éticos de suas ações; identificar as mediações simbólicas; e identificar os caracteres temporais nos quais o tempo narrativo vem enxertar suas configurações – estruturas temporais. Exame dos traços temporais que estão implícitos nas mediações simbólicas da ação que podem ser considerados com indutores de narrativa. Mas o principal é perceber a “maneira pela qual a práxis cotidiana ordena, um em relação ao outro [...] porque é essa articulação prática que constitui o indutor mais elementar de narrativa” (Ricoeur 1994:96).

Essa intratemporalidade como defende Ricoeur (1994), não pode ser reduzida a uma representação linear do tempo. Ao contrário, o benefício da análise dessa relação entre intratemporalidade e a narrativa reside justamente na “ruptura que essa análise opera com a representação linear do tempo, entendida com simples sucessão de agoras” (RICOEUR, 1994, p.101).

De acordo com Ricoeur (1994), Mimese II é fundamentalmente, um momento de mediação entre Mimese I e Mimese III, por isso não é possível localizá-la ou enquadrá-la, mas sim, compreender melhor o seu papel de mediação. Mimese II seria a própria tessitura da intriga, que é mediadora em três âmbitos: a) porque

articula acontecimentos ou incidentes individuais a uma história como um todo; b) a intriga impõe uma relação de interdependência entre fatores heterogêneos como agentes, fins, meios, interação, circunstâncias e resultados; e c) a intriga é, ainda, mediadora, porque possui caracteres temporais próprios. Isto porque, o ato de tecer a intriga combina duas dimensões temporais, como já dissemos, cronológica e não-cronológica.

E, finalmente, Mimese III que se interpõe pela “articulação da finalidade interna da composição do texto com a finalidade externa de sua recepção” (RICOEUR, 1994, p.81). A passagem de mimese II para mimese III dar-se-ia então pelo ato da leitura. Para Ricoeur (1994), no entanto, há duas abordagens diferentes: Ato da leitura e Estética da Recepção, de onde se empreende que, o leitor não está passivo à obra, mas faz parte do fluxo contínuo e dinâmico aonde a obra se constrói, “pois, o texto só se torna obra, na interação entre texto e receptor” (RICOEUR, 1994, p.118).

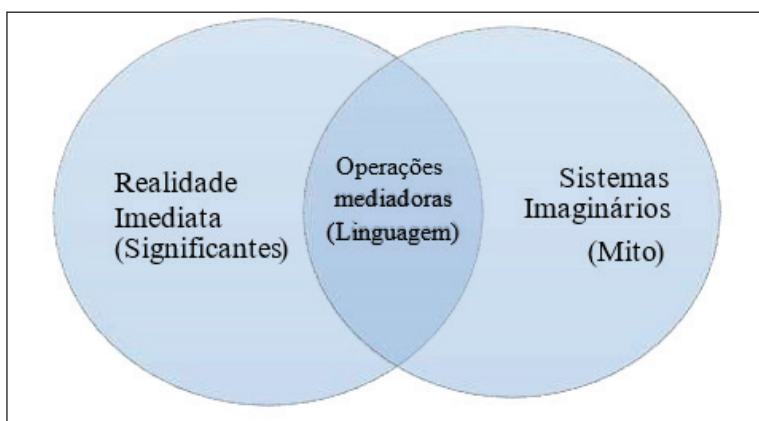
A mitocrítica Durandiana pressupõe três passos básicos:

um levantamento dos ‘temas’ [...] motivos redundantes, senão obsessivos que constituem as sincronias míticas da ‘obra’; o exame das situações e das combinatórias de situações, personagens e cenários; e por último, detectar as diferentes lições do mito (diacronia) e as correlações de uma tal lição de um tal mito com as de outros mitos de uma época ou de um espaço cultural bem determinado (DURAND, 1985, p.253).

“*A menor unidade de discurso miticamente significativa*” denomina-se *mitema*. Podemos identificar os mitemas basicamente por duas formas distintas de manifestação no texto, de maneira explícita, quando há insistente repetição de conteúdo, que Durand (1985, p.253) trata como “manifestação patente”. Contudo, por vezes, também, um mitema se expressa de modo latente, ainda por repetição, mas dessa vez, pela repetição de um esquema de intencionalidade implícita.

A redundância patente, segundo Durand (1985), deixa-se ser notada quando há uma “exagerada figuração”, ou um “estereótipo identificador” (Durand 1985:254). De outra forma, na redundân-

cia latente, o esquema de intencionalidade atua como um “drible da intenção em detrimento da indicação descritiva” (DURAND, 1985, p.255). No fim, tanto um mitema que se manifesta de forma patente, como o que se manifesta de forma latente, implicam em um mesmo efeito – “o deslocamento da intenção significante e do contexto” (DURAND, 1985, p.255). Dessa forma, ao assumir que o sujeito/ agente e os textos que produz em sociedade servem de elementos mediadores entre a experiência imediata e sua expressão através desses mesmos textos, acreditamos que com isso, a realidade sensível passe sempre por um processo de refiguração, tanto porque seja apreendida pela consciência de um sujeito/ agente, quanto porque este mesmo sujeito a traduza em textos para comunicá-la. O que explicitamos na figura 1.

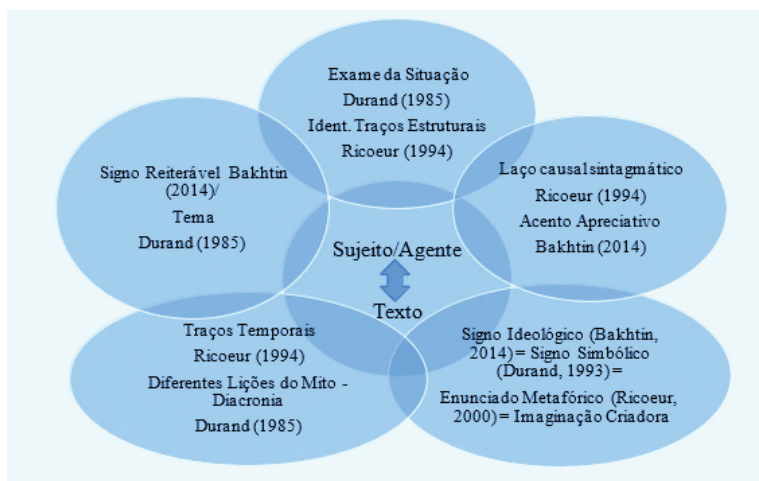


**Figura 1** - Processo de transfiguração da realidade em sistemas imaginários

Processo esse que se toma aqui como sendo de refiguração imaginária, por entender-se que em toda comunicação humana da realidade há transfiguração de sentido (BAKHTIN, 2014); há simbolização (DURAND, 1985;1993;1997;2010); e, há reconstrução dos fatos pela imaginação criadora (RICOEUR, 1994, p.2000). Processo cujo resultado tomamos como conteúdo mítico e ou sistema imaginário. O que poderemos visualizar melhor na figura a seguir.

A consciência do sujeito/ agente ao relacionar-se com a realidade sensível, realiza sua transfiguração por meio de operações mediadoras, que no fim a representam por conteúdos míticos e, por conseguinte, em sistemas imaginários. Essas operações mediadoras estão perceptíveis no texto (discurso/narrativo).

Apresentamos um percurso de apreciação e compreensão dos textos, mas isto não quer dizer que se deem sob aspectos lineares, posto que, já vimos com nossos autores que, o texto se conforma na e pela dialogicidade, dialeticidade e diacronia. O que se pode melhor visualizar na **falta texto**.



**Figura 2** - Operações mediadoras no processo de transfiguração da realidade sensível em conteúdos míticos

Dessa forma, colocamo-nos, inicialmente, a serviço da identificação dos signos que são reiteráveis na enunciação (BAKHTIN, 2014) e do que para Durand (1985) seria o levantamento dos temas, conteúdos repetitivos e ou obsessivos.

Em seguida, empreende-se o que Durand (1985) chama de *exame da situação*, quer dizer, a identificação dos cenários e personagens, ao que Ricoeur (1994) amplia com sua sugestão da identificação dos *traços estruturais* – identificação das ações, tipos de ação

(cooperação, competição, luta etc., da trama conceitual, agentes, caracteres, motivos e fins.

Esses elementos estruturais não estão soltos no texto, eles estão sempre em *relação causal sintagmática* (RICOEUR, 1994), a forma como os fatos são agenciados, e ou como são dispostos no texto, vai incidir sobre o que querem dizer para além do que o signo reiterável e o tema possam significar de maneira independente; com isto, começa-se a sobrelevar um *acento apreciativo* ( B A K H T I N , 2014) subjacente a obra discursivo-narrativa, a “apreciação social contida na palavra”. O que se observa pela *entoação expressiva*, que pode ser exclamativa, irônica etc., ou seja, do tom dado à palavra.

Segundo Bakhtin (2014, p.127, 130) há uma,

inter-relação entre a apreciação e a significação, cujo papel é muito importante na ciência das significações. Toda palavra usada na fala real possui não apenas tema e significação no sentido objetivo, de conteúdo, desses termos, mas também um acento de valor ou apreciativo, isto é, quando um conteúdo objetivo é expresso (dito ou escrito) pela fala viva [...] esse serve antes de mais nada para orientar a escolha e a distribuição dos elementos mais carregados de sentido da enunciação [...] não se pode construir uma enunciação sem modalidade apreciativa. Toda enunciação compreende antes de mais nada uma orientação apreciativa.

Nesse sentido, observa-se que o acento apreciativo se relaciona às relações sintagmáticas, com a forma pela qual se organiza os elementos discursivos, e que constituinte desse sentido novo também está posto posicionamentos sociais do sujeito/ agente que fala. Assim, ao falar, narrar, inextrincavelmente expõe-se o que se pensa e como se entende o mundo. Aponta-se apoio, crítica etc.

Após essas primeiras apreciações frente aos textos produzidos - *identificação dos signos que são reiteráveis na enunciação, levantamento dos temas, conteúdos repetitivos e ou obsessivos, exame da situação, identificação dos traços estruturais, relação causal sintagmática e acento apreciativo* – já se deixa entrever possíveis novos sentidos que os temas passam a assumir no e por esse contexto, que não é só o contexto da narrativa,

mas o contexto social expresso na e pela narrativa. São os sujeitos/agentes sociais comunicando seu próprio mundo.

Assim, os *traços simbólicos* (DURAND, 2010) – conjunto de símbolos em interação, símbolos partilhados em uma cultura, interpretantes internos – devem emergir. É bem onde se começará a deixar entrever a imaginação criadora e a inovação semântica (RICOEUR, 2000), a transformação do signo reiterável em signo ideológico (BAKHTIN, 2014); e ou do signo indicativo em signo simbólico (DURAND, 1993).

Para a completude do trajeto de refiguração da realidade sensível em realidade imaginária, faltava-nos evidenciar os traços temporais, ou seja, a intratemporalidade que caracteriza o tempo da obra (RICOEUR, 1994) e assim, percebermos os traços diacrônicos que se manifestam por *diferentes lições de um mito* – de mitos existentes que se expressam sozinhos e ou em relação a outros mitos e de outras épocas (DURAND, 1993). Bakhtin apresenta a discussão acerca do tempo e espaço da obra a partir das categorias de cronotopo que segundo Amorim (2010) trata-se de “[...] uma categoria da forma e do conteúdo que realiza a fusão dos índices espaciais e temporais em um todo inteligível e concreto. De maneira similar, cronotopo na teoria bakhtiniana vem tratar da produção da história e suas transformações de sentido, a visão de homem e de posicionamento social criada no e pelo discurso.

Se narro (ou relato por escrito) um acontecimento que acaba de me acontecer, já me encontro, enquanto narrador (ou escritor), fora do tempo e do espaço onde o episódio ocorreu. [...] Por mais verídico, por mais realista que seja o mundo representado, ele não pode nunca ser idêntico, do ponto de vista espaço-temporal, ao mundo real, àquele que representa, àquele onde se encontra o autor que criou essa imagem (1978, BAKHTIN *apud* AMORIM, 2010, p.105).

Cronotopo dessa forma, caracteriza a impossibilidade de narrar ao mesmo tempo que o fato acontece, e como narramos *ex-~~po~~ factum*, criamos sempre uma temporalidade própria da narra-

tiva que lhe dá sentido, um sentido criado e intrínseco ao contexto da narrativa. Assim, o tempo da obra é sempre um tempo criado, diacrônico, não de maneira aleatória, mas como um dos mediadores que compõem o próprio sentido do texto, um sentido interessado, realizado com intenções, de revelar a própria representação do sujeito sobre como se percebe o mundo e os contextos sociais.

Esses diferentes mediadores articulados na construção dos discursos e narrativas confirmam nossa compreensão de sujeito/ agente que representa e comunica a realidade pela linguagem, o lugar possível e passível de análise no âmbito das Ciências Sociais e Humanas, para o estudo dos objetos próprios dessa seara de produção científica, na qual a compreensão dessa dinâmica pode colaborar sobremaneira enquanto proposição epistemológica.

## Considerações Finais

Esses autores que vem falando de lugares distintos e posicionamentos teórico-metodológicos próprios, vislumbram um mesmo horizonte epistemológico, o da própria tomada da linguagem como acesso possível à compreensão de mundo dos sujeitos/agentes, por seus sentidos, suas simbologias e construções míticas, e as inovações semânticas inerentes a toda produção humana e social.

Nesse sentido, diálogo e alteridade se inter-relacionam na medida em que toda construção humana, como reescrita do mundo, se dá na e pela relação entre comunicantes, entre agentes, nas mediações sociais. Compreender essa tessitura a partir de operações mediadoras de construção da narrativa interrelacionada com o trajecto antropológico é o que permite acessar o conteúdo ideológico, simbólico e de inovação de sentido dos textos que produzimos em sociedade, quer seja pelos discursos difusos ou latentes, quer seja pelas narrativas patententes.

Acredita-se que os diálogos entre essas proposições teórico-metodológicas constituam uma alternativa significativa à abordagem dos objetos próprios das Ciências Sociais e Humanas, que até então tem sido utilizado de maneira isolada, mas que apesar

do distanciamento histórico apresentam aproximações importantes quanto à abordagem da linguagem para a compreensão do real, assim como distanciamentos que são complementares e potencializadores entre si.

De maneira que se acredita ter consubstanciado uma proposta teórico-metodológica viável e didaticamente exequível, que se coloca pela impossibilidade de acessar a realidade imediata, a não ser por operações mediadoras que são os sentidos e a consciência do sujeito/agente, e a linguagem como único meio de expressar essa realidade, constituindo-se enquanto objeto privilegiado para análise nas Ciências Sociais e Humanas. E, como a linguagem sempre se produza por signos ideológicos, simbólicos e inovação semântica, sempre produz imaginários.

Espera-se poder contribuir com uma proposição epistemológica de análise para as Ciências Humanas e Sociais que considere sua natureza complexa, e as especificidades próprias de seus “objetos” de análise, uma vez que esses pressupõem a relação entre pessoas, discursos, narrativas e contextos variados pelos quais é a linguagem a mediadora entre sujeito e realidade, da intersubjetividade ao social, educacional, histórico etc. E, mais que um modo de análise, que esse texto possa servir ao propósito de reverberar uma vez mais essas “vozes” que clamam reconhecer mais uma vez nossa humanidade.

## Referências

AAGD, Associação dos Amigos de Gilbert Durand -. [Online], 2013. Disponível em: <https://amisgilbertdurand.com/iniciacao-a-teoria-do-imaginario-de-gilbert-durand/>. Acesso em 28 março de 2020.

AMORIM, M. Cronotopo e Exotopia. In: BRAIT, B. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2010, pp. 95-114.

ARAÚJO, A. F. R. d. A., s.d. **In Memoriam: Gilbert Durand (1921-2012)**. s.l.: s.n. Disponível: <http://www.yle-seti-imaginario.org/userfiles/file/In+MemoriamPortugal+01-2013+.pdf>. Acesso em: 02 de abril de 2020.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 16 ed. São Paulo: Hucitec, 2014.



BARROS A., A. T. M. P. Gilbert Durand, o montanhês que desafiou a margem esquerda do Sena. **Esferas**, Jan/jun., 2014, pp. 147-156. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.19174/esf.v0i4.5119>. Acesso em: 02 de abril de 20.

BRAIT, B. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2010.

BRAIT, B. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2008.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, 2003, pp. 221-236. Disponível em: [http://www.grupodec.net.br/wp-content/uploads/2015/10/Pesquisa\\_Qualitativa\\_em\\_Ciencias\\_Sociais\\_e\\_Humanas\\_-\\_Evolucoes\\_e\\_Desafios\\_1\\_.pdf](http://www.grupodec.net.br/wp-content/uploads/2015/10/Pesquisa_Qualitativa_em_Ciencias_Sociais_e_Humanas_-_Evolucoes_e_Desafios_1_.pdf). Acesso em: 02 de abril de 2020.

CLARCK, K.; HOLQUIST, M. *Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

DAHLET, P. Dialogização enunciativa e paisagens do sujeito. In: BRAIT, B (org) **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2005, pp. 59-88.

DURAND, G. Sobre a exploração do imaginário, seu vocabulário, métodos e aplicações transdisciplinares: mito, mitanálise e mitocrítica. R. *Fac. Educ.*, 1985, pp. 243-273. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-25551985000100015>. Acesso em: 02 de abril de 2020.

DURAND, G. **A Imaginação Simbólica**. Lisboa: Edições 70, 1993.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DURAND, G. **O Imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

FIORIN, J. L. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, B. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2010, pp. 161-193.

LAUXEN, R. R. Os cem anos de nascimento de Paul Ricoeur: uma biografia intelectual. **Revista Páginas de Filosofia**, Jan/jun., 2015, pp. 1-25. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15603/2175-7747/pfv7n1p1-25>. Acesso em: 02 de abril de 2020.

PITTA, D. P. R. **Iniciação à teoria do Imaginário de Gilbert Durand**. Recife: UFPE. 1995.

RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa Tomo I**. Campinas (São Paulo): Papirus, 1994.

RICOEUR, P. **A Metáfora Viva**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

VEREZA, S. C. O lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. **Cadernos de Letras da UFF**, 2010, pp. 199-212. Disponível em: <http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/41/artigo10.pdf>. Acesso em: 02 de abril de 2020.

Submetido em: 20-9-2022

Aceito em: 16-2-2023